



## FEACOOOP



# Foco no produtor

Foi em clima de confiança que a Cooperativa dos Produtores Rurais realizou em Bebedouro-SP sua XII FEACOOOP, Feira de Agronegócios Cooperativos, que teve como tema a solidez, uma escolha apropriada dado que em 2011 a Cooperativa completa 35 anos comemorando um crescimento sólido e expansivo. A Cooperativus que nasceu para fortalecer os citricultores que enfrentavam o fechamento da indústria de suco local, é hoje uma das cooperativas mais fortes do Brasil. Em 2010, teve um excelente desempenho com faturamento próximo a R\$ 1 bilhão de reais, um crescimento de 26% em relação ao ano anterior.

Com uma preocupação inclusiva que tem atraído muitos pequenos produtores familiares, a Cooperativus aproveitou a Feira, principal evento de seu calendário, para mostrar o comprometimento com os quase 3.000 cooperados que se enquadram na DAP, Declaração de Aptidão ao Pronaf. Para eles foi montado um espaço especial que além de máquinas e produtos específicos para suas atividades, contou com palestras sobre gestão de negócios e orientação direta do Ministério do Desenvolvimento Agrário sobre linhas de financiamento. Segundo o presidente da Feacoop, João Pedro Mata, a prioridade da Cooperativa se materializa na feira: “o cooperado, de qualquer tamanho, continua sendo o princípio, o meio e o fim de todas as nossas iniciativas, o nosso objetivo é elevar a produtividade de suas lavouras”.

O crescimento da feira em relação a 2010 foi visível no recinto de exposições da Estação Experimental de Bebedouro, com 151 expositores e cerca de 8 mil visitantes, a maioria cooperados. A feira aconteceu em um momento oportuno para o campo, no início do segundo semestre, quando o produtor se prepara para a próxima safra. A idéia é que os agricultores associados adquiram insumos e máquinas com ofertas especiais, tenham facilidades de negociação e vantagens exclusivas, principalmente para os negócios à vista e de curto prazo. Mas essas vantagens não se limitam à feira. Em todas as 23 lojas e 9 concessionárias, espalhados por 28 cidades do Estado de São Paulo e Minas Gerais, as mesmas condições de compra são oferecidas.

O ambiente favorável, segundo a organização da feira, fez com que os negócios fossem fechados rapidamente. Quinze dias após o seu encerramento em 4 de agosto, o faturamento já alcançava expressivos R\$227 milhões, número 18,5% superior ao do ano passado, porém com muitos negócios ainda por serem concretizados.



*Mais de 8 mil pessoas passaram pela Feacoop*



*A Diretora Executiva da ABAGR, Patricia Milan, com Joao Pedro Mata, Raul Huss de Almeida e Jose Geraldo Mello*

Para a Diretora Executiva da ABAG/RP, a FEACOOOP proporciona um ambiente que reúne fornecedores com condições especiais, produtores rurais e bancos, conferindo agilidade às negociações e o acesso ao que há de mais atual em termos de tecnologias para o setor e políticas agrícolas, reafirmando a força do agronegócio paulista.

Patricia Milan assumiu a Diretoria Executiva da ABAG/RP em julho de 2011. Ela é formada em Engenharia Agrônoma pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, USP, e Mestre em Economia Aplicada pela mesma instituição. Possui experiência profissional no mercado financeiro como trader de commodities e na gestão de produtos de crédito agropecuário; e em consultoria e pesquisa em marketing e estratégia focada no agronegócio.

Desde sua primeira edição em 2002, quando discutiu metas e políticas do agronegócio até 2010, o CBA, Congresso Brasileiro do Agronegócio, tem procurado seguir uma sequência lógica que mescla discussão dos problemas com proposições e posicionamentos proativos, adicionados

à disposição de debater, sem meias verdades, o potencial e as fragilidades do maior setor da economia brasileira.

Ao chegar a 10ª edição do CBA o tema escolhido foi: Mudanças e Paradigmas, já que no agronegócio elas acontecem de maneira rápida suscitando muitas dúvi-

das e algumas certezas, que segundo o Presidente da ABAG, Carlo Lovateli, se acentuaram no pós 2008, quando a volatilidade mundial em diversos campos se escancarou, da economia à geopolítica.

“Esta globalização dos problemas e da busca por soluções colocou o Brasil

## Paradigma da Energia Barata

**A**driano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura, fez a palestra do painel sobre energia e cobrou:

“O governo precisa saber o que quer do etanol, pois corre o sério risco de acontecer o que aconteceu nos anos 90, o seu desaparecimento. Será o fim do carro flex se a atual política continuar”. As consequências para o agronegócio serão imensas. Segundo ele, para o aumento da oferta de etanol serão necessários programas de incentivo e investimentos, que devem acontecer apenas depois de o governo colocar o etanol em posição de destaque na matriz energética. A pergunta deixada no ar foi: “será que isto vai acontecer enquanto for mantida a atual política de preços baixos para a gasolina e os demais derivados de petróleo?”

Da mesma opinião compartilhou Luiz Carlos Correa Carvalho, moderador do painel: “...usar a Petrobrás para atingir metas econômicas e em questões políticas é um risco se não houver racionalidade”. Esta opção está levando ao aumento do consumo da gasolina e a um impacto no agronegócio já sentido nos preços do etanol, na diminuição dos investimentos e, conseqüentemente, na oferta de produto.



Segundo o professor José Goldemberg, da Usp, ex-secretário do Meio Ambiente de São Paulo, esta política de manter constante o preço da gasolina no Brasil é irracional, não se sustenta. “Abandonar ou deixar definhando a produção de etanol vai custar caro ao país”, disse, e completou: “o que aprendemos com o etanol é que quando a produção dobra o preço cai 20%, sendo preciso aproveitar melhor sua eficiência”. Mais do que o caldo, a cana-de-açúcar gera também o bagaço, que apenas em São Paulo, segundo Goldemberg, tem potencial para produzir energia equivalente à usina de Belo Monte, em construção na região Amazônica. Mas advertiu: “quem tem que gerar eletricidade não é o usineiro, empresas de eletricidade têm que comprar o bagaço e gerar eletricidade, é preciso compor custos e benefícios”.

## Paradigma do A

**P**ara falar do alimento barato, o economista José Roberto Mendonça de Barros, consultor da MB Associados, começou lembrando que foi justamente o baixo preço dos alimentos que possibilitou o sucesso do programa “Bolsa Família”. Até meados de 2005, o valor pago pelo Bolsa Família “comprava fácil” os alimentos. Mas nem mesmo a eficiência das cadeias produtivas no Brasil conseguiu segurar a alta nos preços dos alimentos a partir de 2006.

O economista mostrou que até o ano de 2000, a tendência mundial de queda nos preços dos alimentos teve como principal driver a oferta, e apresentou como resultados positivos a elevação no consumo e a inclusão social.

A partir de 2000, o início da tendência de alta nos preços dos alimentos teve como principal driver a demanda, sendo que, no Brasil, ela ocorreu paralelamente ao aumento da produtividade e valorização do real. A elevação na demanda segue impulsionada por: crescimento da população urbana em países emergentes; demanda por biocombustíveis, desvalorização do dólar e aumento da posição comprada dos fundos de investimento em commodities agrícolas.

## CONGRESSO BRASILEIRO DO AGRONEGÓCIO

### 1º CBA (2002)

- Metas e Políticas do Agribusiness do Brasil até 2010

### 2º CBA (2003) - Construindo Estratégias

### 3º CBA (2004) - Criando Vantagens Competitivas

### 4º CBA (2005) - Alimentos, Energia e Sustentabilidade

### 5º CBA (2006) - Bases para o Futuro

### 6º CBA (2007) - Brasil: Um só Agronegócio

### 7º CBA (2008) - Agronegócio e Sustentabilidade

### 8º CBA (2009)

- Agronegócio é Sustentabilidade – Crise e Oportunidades

### 9º CBA (2010) - Agronegócio: Comunicação e Governança

### 10º CBA (2011) - Mudanças e Paradigmas

# E PARADIGMAS

em destaque no cenário mundial”, disse Lovatelli no discurso de abertura do Congresso. Para ele será preciso olhar o Brasil além daquilo do que se está acostumado a ver, já que todos os seus negócios têm amplitude e complexidade global. Por suas potencialidades é apontado, pelas mais re-

nomadas instituições internacionais, como o grande supridor de alimentos, fibras e biomassa para um mundo em crescente demanda e aumento populacional. Mundo que no último dia de outubro próximo, se estima que nascerá, na Índia, o cidadão de número 7 bilhões do planeta.



## Alimento Barato



Para Mendonça de Barros, o Brasil e seu agronegócio deverão enfrentar, além da forte demanda internacional, a crescente demanda interna, com o crescimento da nova classe média que exige mais do que volume, exige qualidade. Mas o Brasil está preparado para atender a toda esta demanda? Segundo ele, por enquanto sim.

Mas há alguns fatores estratégicos que merecem atenção especial: é preciso reduzir a dependência da China, procurar alternativas frente à elevação do custo de produção e resolver de forma rápida questões de regulamentação: compra de terras por estrangeiros, viés ideológico e política ambiental, entre outras.

Os problemas apontados por Mendonça de Barros vêm sendo exaustivamente discutidos e encaminhados pelos Congressos Brasileiros do Agronegócio promovidos pela ABAG, basta acompanhar a temática de cada ano. (Quadro).

Para ele, o agronegócio, apesar de todos os seus problemas, é o único setor da economia que pode encarar o desafio de ser internacionalmente competitivo. O sucesso do país vai depender de quatro novas fronteiras: produção de combustível e plástico de 2ª geração, biodiesel a partir de outra matéria prima que não a soja, crescente integração entre as indústrias de alimentos, farmacêutica e de bem estar, e, para terminar, a exploração sustentável da floresta. Tudo isto somado à incorporação de inovações tecnológicas de processos e produtos. Um desafio difícil e complicado.

## Agronegócio e Sociedade Agronegócio e Governo

Mas como fazer tudo isto sem o apoio da sociedade e do governo? Uma discussão que se repete. Uma resposta que não chega. Homens da Comunicação se juntaram ao ex-presidente de Sociedade Rural Brasileira, Luiz Hafers para tentar entender a visão que a sociedade tem do setor. Hafer deu uma boa pista: “a terra não tem mais poder, o poder passou para o saber, os fazendeiros por terem prestado um grande serviço ao Brasil pensaram que seriam aplaudidos, não foram. A comunicação falhou.”

Para o publicitário Bob Costa, o agronegócio não soube reagir à mudança na agenda da população e ficou refém do sucesso que conseguiu sem se aproximar da população urbana. Para José Luiz Tejon, diretor de agronegócio da ESPM, este distanciamento está diminuindo, o agronegócio já é visto como sinônimo de sucesso e progresso: “é preciso agora revigorar o vínculo emocional das pessoas com o campo”. Uma certeza existe segundo ele: de acordo com uma pesquisa da ESPN, a percepção social é de que economia e ecologia não combinam.

Provocados pelo jornalista Willian Waak, João de Almeida Sampaio, ex-secretário de agricultura de São Paulo; Roberto Rodrigues, da GVagro/Cosag; Osmar Dias, vice presidente de agronegócio do Banco do Brasil e Yoshiaki Nakano, da FGV, falaram da relação do agronegócio com o governo.

Roberto Rodrigues começou dizendo que a relação não é boa, que o Brasil poderia ser um condutor de um processo de liderança mundial no agronegócio que não acontece por falta de liderança e estratégia. Segundo ele, é preciso “con-



versar” com o governo como um todo: “... este governo não tem estratégia, mas esta é a oportunidade de o Brasil assumir um papel de liderança, se soubesse que papel é este”.

Para Sampaio, o horizonte eleitoral impede a formatação de estratégias políticas para o setor. Segundo Nakano, o problema é a falta de projeto nacional. Desde o final dos anos 70 a política é “deixa que o mercado se resolve”, e lembrou: “o Brasil conseguiu definir estratégias em momentos de crise nos anos 30, por exemplo, e hoje não consegue nem articular um projeto nacional integrado”. Para Osmar Dias é preciso valorizar o que já foi feito, pois existe base para avançar: “o mundo espera do Brasil o que ele não quer fazer”, completou.

Ao final, o painel deixou uma mensagem otimista para o longo prazo. O Brasil está mudando, as classes D e E, tradicionalmente reféns de partidos políticos, ascenderam. Hoje a classe C, conservadora, pragmática e realista deve levar para a política outros componentes, o horizonte do próprio governo deve mudar. Mas Roberto Rodrigues deu o toque final: “no longo prazo a coisa melhora, é questão de educação. Mas o futuro não interessa aos mortos.”

## Perfil - Os municípios de nossa região



# Guariba – novos tempos, novas conquistas, novos desafios

A cidade de Guariba ficou nacional e internacionalmente conhecida em 1984 devido à greve dos trabalhadores rurais que resistiam à alteração no sistema do corte da cana-de-açúcar, de cinco para sete ruas. A mobilização que completou 25 anos este ano resultou em avanços trabalhistas para os cortadores e na mudança no sistema de corte. Hoje novas transformações chegam com a proximidade do final das queimadas e o avanço da mecanização da colheita da cana-de-açúcar.

Segundo a administração municipal o principal reflexo da mecanização em andamento é a diminuição do número de migrantes que a cada ano chega à cidade e sobrecarrega os serviços oferecidos. “Com a população se estabilizando é mais fácil planejar”, afirma o Secretário Municipal de Indústria e Comércio, Daniel Louzada. Isso trás novos desafios: qualificação dos trabalhadores e busca por novas empresas para se instalarem na cidade.

A história dos últimos cinco anos já é a história de uma Guariba muito diferente da dos anos 80 e 90. O agronegócio continua sendo o impulsionador da sua economia, responsável por quase 100% da arrecadação e 70% dos empregos. A cana-de-açúcar ainda é a principal cultura local, porém o salto na qualidade do trabalho gerado por ela é visível: enquanto as vagas no

campo diminuem, na cidade elas se multiplicam e se valorizam.

As indústrias ligadas à cana-de-açúcar agregam significativo valor à mão de obra local. O atual distrito industrial já foi ampliado duas vezes, a última em dezembro de 2010, e abriga desde indústrias de base a metalúrgicas, de mecânicas especializadas em máquinas agrícolas a prestadores de serviço em colheita de cana-de-açúcar. Apesar disso, um novo distrito com capacidade para 52 empresas está em implantação com todos os lotes já comprometidos. O aumento da renda tem reflexo direto no comércio que hoje abriga importantes redes de varejo de alimentação e eletrodomésticos.

Entre as maiores empresas ligadas a cana-de-açúcar em duas pontas distintas, uma usina e uma cooperativa de plantadores, a Coplana. A Cooperativa também se destaca pelo plantio de amendoim para a rotação de cultura e pelo processamento do grão. 20% do amendoim plantado no Brasil estão em Guariba, comprovando a compatibilidade da produção de energia e alimentos na mesma área.

Dessa nova Guariba economicamente mais forte ecoam números importantes para a sua população, uma cidade exemplar com 100% em distribuição de água, coleta e tratamento de esgoto, pavimentação de ruas, coleta de lixo e fornecimento de energia elétrica.

A habitação é hoje o grande desa-

fio: 2.593 famílias esperam na fila por casas populares. Desde 1991 a cidade não investia em moradias, porém 124 casas já estão em fase de entrega e 302 em fase final de aprovação pelo CDHU. A cidade já se cadastrou junto ao Programa do Governo Federal, Minha Casa, Minha Vida.

Na educação, além do maior investimento no ensino fundamental com a construção de novas salas de aula e a capacitação dos professores, o ensino técnico tem ganhado espaço. Uma ETEC, ligada ao Centro Paula Souza, foi construída e oferece cursos de Administração de Empresas, Segurança do Trabalho e Informática. Um novo espaço já está reservado para a implantação do curso de Açúcar e Álcool.

Guariba aos 116 anos, com seus quase 35 mil habitantes, tem motivos de sobra para acreditar em um futuro mais próspero. O foco da administração na valorização do agronegócio, antes, dentro e depois da porteira, e na capacitação de sua população, já aponta para um crescimento consistente do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal. O IDH-M de Guariba é de 0,756, considerado de alto desenvolvimento, o que mostra uma população com melhor expectativa de vida, com maior escolaridade e mais renda. Conquistas que exigem ainda mais atenção por parte da administração municipal para que a chamada “Cidade Primavera” floresça ainda mais.